

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Lula quer zerar o desmatamento na Amazônia

Em reunião com a cúpula do G-7, presidente reforçou a volta do Brasil ao cenário internacional e traçou a meta até 2030

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a falar em zerar o desmatamento na Amazônia até 2030. Ele disse que isso não significa transformar o local em um “santuário”, mas encontrar possibilidades de exploração sustentável. “Quem mora na Amazônia tem direito a ter os bens materiais que todo mundo tem, não é para transformar a Amazônia num santuário”, disse ele.

Lula deu as declarações em Hiroshima, no Japão, onde participou de reunião do G-7. A temática ambiental e de controle das mudanças climáticas é um dos temas com maior capacidade de projetar o Brasil globalmente. Por isso, o presidente sempre fala sobre o assunto quando tem compromissos internacionais.

O presidente disse que o País “está de volta” ao cenário internacional e quer ajudar o mundo a cumprir as metas de combate a mudanças climáticas. Segundo o presidente, o Brasil tem “autoridade moral” para discutir o tema



Lula disse que o País quer auxiliar o mundo a cumprir as metas de combate a mudanças climáticas

com o mundo.

Lula voltou a cobrar que os países ricos cumpram seus compromissos sobre mudanças climáticas, mas disse que as ações do Brasil independem disso. “O Brasil vai fazer por conta própria aquilo que o Brasil tem que fa-

zer. Preservar a Amazônia é dever e responsabilidade do povo brasileiro”, declarou.

De acordo com ele, é necessária uma governança global mais forte para que os acordos costurados entre os países sejam postos em prática. Ele voltou a

falar em reformar o Conselho de Segurança da ONU.

Lula também disse que os indígenas são “guardiões da floresta” no Brasil e em países vizinhos. E que terá conversas com os demais países que têm porções de Floresta Amazônica para

discutir como preservá-la. Também mencionou a possibilidade de incluir na articulação países de outros continentes que têm biomas semelhantes ao da Amazônia, como Congo e Indonésia.

Já em relação à guerra da Ucrânia, as declarações de Lula na cúpula do G-7 em Hiroshima, no Japão, parecem ter levado o Brasil a ser encarado por parte do Ocidente como pertencente à mesma categoria que países como China e Índia na guerra, de “não aliados” de Kiev.

Ao menos foi isso que deu a entender o chanceler da Dinamarca, Lars Lokke Rasmussen, ao afirmar nesta segunda-feira (22) desejar organizar uma cúpula para discutir opções para a paz em julho.

As três nações, que dividem o Brics com a Rússia e a África do Sul, têm buscado manter certa neutralidade diante do conflito. Mas Pequim e Nova Déli são aliados estratégicos de Moscou, e não condenaram a invasão russa de Kiev no âmbito da ONU, ao contrário de Brasília.

Tim Scott anuncia candidatura à presidência em 2024

/ ESTADOS UNIDOS

O senador republicano Tim Scott, da Carolina do Sul, lançou sua campanha presidencial nesta segunda-feira, oferecendo uma mensagem otimista que espera poder contrastar com as duas figuras que usam a combatividade política para dominar as primárias do Partido Republicano: o ex-presidente Donald Trump e o governador da Flórida, Ron DeSantis. Scott, o único republicano negro do Senado,

fez o anúncio em sua cidade natal, North Charleston, na Southern University. “Nosso partido e nossa nação estão em um momento de escolha. Vitimização ou vitória? Queixa ou grandeza?”, disse ele. “Eu escolho liberdade, esperança e oportunidade.”

Ele afirmou que o Partido Republicano precisa de um candidato que possa energizar mais do que apenas a sua base. Ele frequentemente denunciou os democratas por levantarem o que ele chama de falsas quei-

xas sociais e políticas. Mas oferecer tais sentimentos sobre o Partido Republicano pode ser uma alternativa a Trump, que há anos repete mentiras sobre como lhe foi negado um segundo mandato por fraude generalizada que não ocorreu durante a eleição presidencial de 2020.

Scott entra na corrida com mais dinheiro do que qualquer outro candidato presidencial na história dos EUA, com US\$ 22 milhões que sobraram da campanha no final de 2022

Terceiro colocado, Sinan Ogan declara apoio a Erdogan

/ TURQUIA

O nacionalista de ultradireita Sinan Ogan, terceiro colocado nas eleições da Turquia, declarou apoio ao atual presidente, Recep Tayyip Erdogan - ele tenta se manter no poder após governar o país pelos últimos 20 anos.

As atenções do país estavam voltadas à Ogan desde 14 de maio, quando os eleitores foram às urnas e lhe deram 5,2% dos votos. Isso porque seu apoio é considerado decisivo para o resultado do segundo turno, que acontecerá

no próximo domingo e será entre Erdogan e Kemal Kilicdaroglu, desde 2010 à frente do Partido Republicano Popular (CHP), de centro-esquerda.

“Fizemos todos os tipos de consultas antes de tomar essa decisão. Escolhemos assim porque acreditamos que nossa decisão é a certa para nosso país e nação”, afirmou o político nesta segunda-feira ao pedir que seus apoiadores votem pelo atual presidente.

Com um discurso xenofóbico e a defesa de propostas duras contra a imigração, Ogan, 55 anos, era

cobiçado pelos dois candidatos que disputam o segundo turno do pleito que será definido no próximo domingo.

Até então desconhecido fora da Turquia, o político surpreendeu e conquistou uma porcentagem maior de votos em relação ao projetado nas pesquisas. Não foi a única surpresa do pleito, cujos levantamentos apontavam para uma vantagem de Kilicdaroglu e acabou com Erdogan na frente. O atual presidente contabilizou 49,6%, enquanto seu principal adversário teve 44,8%.

TODO O DOMINGO
16H

feminíssima

Bah!

20 e 520 da Claro TV
(26 e 526 para o Vale do Sinos)
www.bahtv.com.br